

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA VIAGEM PELO CINEMA DA ESLOVÉNIA
11 de Outubro de 2021

KRIZNO OBDODJE / 1981
("Época de Crise")

Um filme de Franci Slak

Realização e Argumento: Franci Slak / Direcção de Fotografia: Radovan Cok / Cenários: Ranko Mascarelli / Guarda-Roupa: Dasa Sem / Montagem: Sonia Peklenk / Interpretação: Roberto Battelli (Pavle Komel), Ana Avbar, Peter Bozic, Tanja Premk, Jozi Prepeluh, Dusanka Ristic.

Produção: Viba Film / Cópia: digital, cor, falada em esloveno com legendagem em português / Duração: 88 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Krizno Obdobje foi a estreia na realização de Franci Slak, singular cineasta esloveno nascido em 1953 e prematuramente falecido com 54 anos, em 2007. "Singular", chamámo-lhe, porque é um termo usado pelos (muito poucos) comentadores do seu trabalho, e porque **Krizno Obdobje** é realmente um filme singular, no sentido em que exprime uma visão (do mundo e do cinema) que parece perfeitamente pessoal sem resultar de um somatório de influências estéticas ou históricas (embora, naturalmente, elas existam: o filme de Slak é, por certo, herdeiro de algumas das mais decisivas referências da "modernidade" cinematográfica, e Antonioni mais que evidentemente paira por aqui) e que não parece "em diálogo" com coisa nenhuma. Talvez até, no trajecto do protagonista, corresponda a uma "fuga ao diálogo" rumo a um isolamento, ou mais literalmente, a uma espécie de ausência de sentido.

Slak tinha 28 anos quando estreou o filme, o que quer dizer que teria pouco mais do que a idade do seu protagonista, Pavle, que frequentou ou está ainda a frequentar um curso universitário de psicologia. Não conhecemos o posterior trabalho de Slak (mais seis longas-metragens), nem o modo como ele prolongou (ou não), e eventualmente esclareceu, um filme como **Krizno Obdobje**, e a informação que encontramos sobre o seu percurso é escassa. Sabemos que este filme foi bem recebido pela crítica eslovena da época ("uma das melhores estreias do cinema esloveno", ter-se-á escrito na época), que Slak vinha de estudos de cinema na famosa escola polaca de Lodz (a mesma de Polanski e Skolimowski), e que conciliou a vida de realizador com a de professor na escola de cinema de Liubliana. Se os seus filmes nunca se "internacionalizaram" plenamente, permanecendo bastante desconhecidos no resto da Europa, chegou a ter algum "following" no Festival de Berlim, que seleccionou (por vezes para a secção competitiva) vários dos seus filmes, a começar pelo que vamos ver. A actividade de Slak teve também uma componente política, visto que, pelo que lemos, se candidatou em certa ocasião a presidente da câmara de Liubliana, sem ganhar. Morreu de doença súbita em 2007, em plena preparação do que seria, ou teria sido, o seu derradeiro filme.

O filme é um mergulho numa espécie de apatia, como se narrasse a revolta apática de um punk sonolento, que tivesse em comum com os autênticos punks a crença, ou noção, de que "não há futuro". Logo nos primeiros momentos, há uma cena numa sala de cinema onde se projecta **The Apartment** de Billy Wilder (de que Slak deixa ver quase toda a introdução), e se isso pode indicar um grau de cinefilia na personagem de Pavle (já escrevemos em folhas anteriores deste ciclo, que a Eslovénia dos anos 70 e 80 era um sítio razoavelmente propício à cinefilia) de modo mais importante constitui-se como o único apontamento em todo o filme em que se pode exprimir algum "romantismo" (considerando que esse também deve ser dos poucos filmes de Wilder onde de

alguma forma o romantismo triunfa sobre o cinismo). Mas há outros écrans no filme de Slak, e são quase todos ecrans de televisão. A cena mais significativa será a da visita à casa da família, onde um monólogo do pai (como também dissemos acima, Pavle foge sempre ao diálogo) manifesta a total incompreensão, ou mesmo desdém, pela vida do filho e pelas escolhas do filho. Durante todo esse monólogo, o pai está espedado em frente a um aparelho de televisão, de onde não levanta os olhos (e seguindo, como se percebe pelo som, uma emissão da televisão italiana). Não será a família, portanto, a devolver algum sentido à vida de Pavle, que iniciara um périplo pela província até à sua terra natal – sempre com a mesma indiferença fechada com que o víramos nas cenas iniciais, na relação com a namorada ou possível namorada, ou com que depois visita o liceu em que estudou na juventude. Pavle é um enigma, um enigma para o espectador e provavelmente para ele próprio. E Slak segue esse enigma sem o trair, sem mostrar que sabe mais sobre ele do que o espectador pode saber, sempre em contemplação, em acumulação de cenas ou apontamentos de cenas em que pouca coisa se passa e o que se passa parece ser sempre magro demais para conter alguma forma de “explicação”.

Nesse sentido, o final, e sobretudo o plano final (imagem de um televisor a emitir apenas “nevoeiro” não sintonizado, aliás de forma que muito lembra o que Godard faria dois anos depois em **Prénom: Carmen**) parece ser uma chave: já não há nenhuma ideia, já não há comunicação, já não há **The Apartment**, apenas a imagem, cheia de zumbido e significando nada, de um televisor ligado ao acaso. Condensa muito bem o ambiente que se respira no filme de Franci Slak.

Luís Miguel Oliveira